

DOIS ANJOS CAÍRAM DO CÉU

Ricardo Pinheiro Penna

A opinião pública tem razões que a própria razão desconhece. Duas semanas de crise e todo mundo está mobilizado. Uns acreditam em Arruda, outros em ACM e muitos em nenhum dos dois, mas todos têm uma opinião. O escândalo da violação do painel espalhou-se como um rastilho de pólvora e contaminou a sociedade.

A pesquisa realizada, sexta-feira, pelo Instituto Soma mostra que 91% dos eleitores já conhecem o episódio. Mesmo entre o grupo de baixíssima renda e politização, que normalmente não acompanha as crises políticas, 87% sabem o que está acontecendo. Horas intermináveis de depoimentos têm ótima audiência e famílias inteiras reúnem-se em torno da TV para assistir duelos verbais essencialmente sem graça e repetitivos.

O que faz a opinião pública mobilizar-se tão intensa e rapidamente? As pesquisas realizadas durante o processo de cassação do ex-senador Luiz Estevão, mesmo depois de meses de debate, mostraram 79% de conhecimentos e baixo posicionamento. De uma maneira geral, mais de 20% dos eleitores não se definiam em relação as perguntas do questionário. Hoje, com o escândalo do painel, apenas 9% não se posicionam a favor ou contra a qualquer pergunta.

Em 15 dias de debates, o senador Arruda perdeu mais do que dois terços do seu estoque de votos. As simulações anteriores lhe conferiam a liderança, para governador do DF, com 45% na disputa com Roriz e Magela, hoje ele alcançou 16% ou seja, uma perda de 29 pontos percentuais. Arruda perdeu mais votos e mais rapidamente do que Luiz Estevão durante o processo de cassação.

A explicação para esse turbilhão da opinião pública pode ter uma razão simples. A crise do painel é um retrato da vida. Cheia de emoções, repleta de surpresas e de simples entendimento. A crise do painel é como uma novela das oito. Tem heróis, tem bandidos, tem ver-

dade, tem calúnia e, acima de tudo, tem drama humano.

O primeiro capítulo começa com a visita de um todo poderoso político a um guardião do interesse público para promover denúncias. O segundo capítulo mostra o guardião, simples cidadão de aparente fragilidade física, transformado em herói pisoteando uma fita gravada de maneira pouco ortodoxa com as denúncias do poderoso líder político. O terceiro capítulo adiciona um clima de mistério e investigação com a degravação da fita pelo investigador Molina.

O quarto capítulo introduz um elemento de forte carga emocional. Arrependida, frágil, mulher e mãe, o segundo herói da estória resolve lutar pela verdade. Decide que vai enfrentar os dramáticos e carrega todos os ingredientes que uma novela precisa: complô, drama pessoal, crise de consciência e proteção aos mais fracos.

Com o pronunciamento arrependido e emocional do senador Arruda acorre novo pico de audiência. É a primeira vitória dos humildes sobre os poderosos, da verdade sobre a mentira. Aqui os dramas pessoais e familiares entram novamente e a audiência, em êxtase, descobre que os poderosos também são gente.

A novela está longe de terminar mas já surgem outros personagens com histórias dramáticas. A senadora Heloísa Helena declarou-se refém de ACM. A idéia de alguém ser prisioneira da consciência de outra pessoa é capaz, por si só, de introduzir ainda mais a lenha na audiência da novela.

O prejuízo eleitoral imediato do senador Arruda pelo seu envolvimento na crise é evidente. É possível que o tamanho das perdas estejam superdimensionadas pela carga emocional do episódio. Quando a poeira baixar será possível contabilizar as perdas e contar as favas. Até lá, apenas uma coisa é certa: a política e os políticos do Distrito Federal estão sob a mira da opinião pública.